



BATUQUE: DANÇA, MÚSICA E EMANCIPAÇÃO CÓSMICA UNILAB CAMPUS DOS MALÊS EM 2025

Durval Mendonça Gomes Ocante¹

Nordine Abudo Ussene²

Luis Madalena Siteo³

Vasco Domingos Joaquim Zamba⁴

Bas'ilele Malomalo⁵

RESUMO

Em 2025, o projeto “Batuque: Filosofia, Estética, Corpo e Danças Africanas” transformou em sub-ação do projeto Latitudes Africanas e foi rebatizado com o nome de Batuque: Dança, Música e Emancipação. Dentro dessa atividade que acontece o que denominamos de Discotecagem Afrodiaspórica. O objetivo desse trabalho é apresentar as atividades que ocorreram em torno da ação Batuque: Dança, Música e Emancipação. As atividades em questão foram realizadas nos dias 12, 19 de março e no dia 28 de maio de 2025. Foi analisada igualmente outra atividade que fez parte de um outro subprojeto Diálogos Latitudes Africanas, ocorrida no dia 05 de abril que teve por tema “Corpos afrikanos e quilombolas na encruzilhada da ancestralidade: Batucar, sambar e encantar”. A epistemologia que conduz esse trabalho é de Ubuntu e macumba (MALOMALO, 2016). A metodologia utilizada para viabilizar fundamenta na pesquisa-ação (TRIPPE, 2005) e na dança-arte-educação (DOS SANTOS, 2006). Em conclusão, destaca-se que o “Batuque” é um espaço de emancipação social, ancestral e cósmica entre os estudantes e servidores da UNILAB do Campus dos Malês, localizada em São Francisco do Conde na Bahia.

Palavras-chave: Batuque; Dança; Emancipação; UNILAB.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, IHL- Instituto de Humanidades e Letras-Malês, Discente, durval.ocante@gmail.com¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, IHL- Instituto de Humanidades e Letras-Malês, Discente, nordinemoz.unilab@gmail.com²

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, IHL- Instituto de Humanidades e Letras-Malês, Discente, bsithoye@gmail.com³

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, IHL- Instituto de Humanidades e Letras-Malês, Discente, vascodomingoszamba96@gmail.com⁴

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, IHL- Instituto de Humanidades e Letras-Malês, Docente, basilele@unilab.edu.br⁵



INTRODUÇÃO

Latitudes Africanas: Núcleo Ancestral de Arte, Cultura e Tecnologia mobilizou-se, em 2025, enquanto projeto de extensão da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) que atua a partir do Campus dos Malês, em São Francisco do Conde, na Bahia, para se fortalecer como um núcleo de arte e cultura que tem a dança-música africana e afro-diaspórica como pontos de partida para se pensar a multiplicidade das linguagens estéticas negras para a promoção de uma educação cidadã; manter e fazer uso da Plataforma Digital Integrada de Latitudes Africanas para divulgar a cultura, a arte e o pensamento africano e afrodiáspóricos para a promoção da cidadania local e global; formar agentes culturais que tenham as habilidades de trabalhar com as tecnologias ancestrais africanas e as Tecnologias de Informação e Comunicação Digital; fomentar o ativismo artístico no meio da juventude; realizar intervenções artísticas de danças-músicas, literatura e poesia na UNILAB e em outros espaços públicos onde seus integrantes são convidados para atuar.

Em 2025, o projeto “Batuque: Filosofia, Estética, Corpo e Danças Africanas” transformou em sub-ação do projeto Latitudes Africanas e foi rebatizado com o nome de Batuque: Dança, Música e Emancipação. Dentro dessa atividade que acontece o que denominamos de Discotecagem Afrodiáspórica.

O objetivo desse trabalho é apresentar as atividades que ocorreram em torno da ação Batuque: Dança, Música e Emancipação. As atividades em questão foram realizadas nos dias 12, 19 de março e no dia 28 de maio de 2025. Abordaremos igualmente outra atividade que fez parte de um outro subprojeto Diálogos Latitudes Africanas, ocorrida no dia 05 de abril que teve por tema “Corpos afrikanos e quilombolas na encruzilhada da ancestralidade: Batucar, sambar e encantar”.

METODOLOGIA

Os projetos ligados ao núcleo Latitudes Africanas, como este, fundamentam a sua abordagem metodológica na epistemologia do Ubuntu (MALOMALO, 2014). Com isso, a participação solidária e coletiva, a valorização do sensível, da autonomia recíproca, da crítica e da autocritica permanente na produção de conhecimento e na feitura de projetos de extensão são alguns de seus princípios éticos e metodológicos. Em outras palavras, a pesquisa-ação (TRIPP, 2005) é o caminho que seguimos na realização do nosso projeto de extensão na sua interação com as atividades de pesquisa e ensino lideradas pelo coordenador de Latitudes Africanas.

A concepção da epistemologia da dança-arte-educação de Inacyra Falcão dos Santos (2006) destaca a importância das africanidades brasileiras, especialmente as praticadas em São Francisco do Conde, além das africanidades africanas do continente. Seu trabalho estabelece uma forte conexão entre corpo, tradições africanas e afro-brasileiras, associando-as à estética e à consciência da dança. Além disso, sua prática pedagógica e teórica, fundamentada na macumba-dança conforme Malomalo (2016), parte do concreto, das vivências cotidianas e da ancestralidade, enfatizando que o aprendizado ocorre por meio da ação coletiva — tocando, cantando e dançando juntos — e, sobretudo, ao lado dos oprimidos.

A didática da macumba-dança está virascelamente nos processos de feitura, criação e vivência de Batuque. Aqui despertamos nossos corpos através do ético, assente na ma’at (justiça, harmonia, justiça e verdade) da palavra ritmada, contada e dançante para se compreender o mundo que nos rodeia e a nos posicionar a favor das mudanças que visam a preservação da humanidade e natureza. Debater, para nós, fundamenta-se na filosofia africana da fala. O mestre Amadou Hampaté Bâ nos ensina que “Maa Ngala (Divindade em



bambara), como se ensina, depositou em Maa (ser humano) as três potencialidades do poder, do querer e do saber, contidas nos vinte elementos dos quais ele foi composto. Mas todas essas forças, das quais é herdeiro, permanecem silenciadas dentro dele. Ficam em estado de repouso até o instante em que a fala venha colocá-las em movimento. Vivificadas pela Palavra divina, essas forças começam a vibrar. Numa primeira fase, tornam-se pensamento; numa segunda, som; e, numa terceira, fala. A fala é, portanto, considerada como a materialização, ou a exteriorização, das vibrações das forças” (2010, p. 172).

Muniz Sodré, em seu livro "Pensar Nagô", ensina que, em algumas línguas africanas, como o quimeru do Quênia, a palavra para "música" engloba canto e dança, demonstrando a conexão profunda entre esses elementos. Ana Átia Alves dos Santos e Hildonice de Souza Batista destacam que os blocos afro, ao manterem a tradição africana, recriam as danças de orixás de forma livre, com movimentos que se voltam para o chão, diferindo do ballet, onde os movimentos são mais erguidos. Assim, a inseparabilidade entre dança e música é uma característica fundamental do "Batuque".

As atividades de “Batuque”, em pauta, foram planejadas pela equipe executora do projeto sob a liderança do seu coordenador professor Bas´Ilele Malomalo. A execução de atividades estava sob o comando dos estudantes, o bolsista Vasco Domingos Joaquim Zamba, dos voluntários Isabel Catarina José, Fernando Gonçalves, Luis Madalena Siteo, Nordine Abudo Ussene, Euclides Bidansanta Quimontche, Aparício Muemede Subuana e dos colaboradores Jaime Oscar, José Manuel e Venâncio Gomes. Vasco Zamba liderava a divulgação do evento e enviava os convites aos futuros palestrantes. Isabel Catarina José era responsável de fazer as mediações de debates. Jaime Oscar, José Manuel e Venâncio Gomes auxiliavam em bastidores referente às questões técnicas e de registros fotográficos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas três atividades de “Batuque: música, dança e emancipação” na sua modalidade normal, em comparação à última atividade que iremos abordar, nos dias 12, 19 de março e 28 de maio de 2025. O “Batuque” já tem uma metodologia consolidada e foi o professor Bas´Ilele Malomalo que a idealizou. Como prática de arte e da didática do corpo, ela é flexível conforme os contextos e os corpos presentes.

O “Batuque” tem sido um momento de encontro, de estarmos juntos, refletir, nos divertir numa cidade que não oferece lazer, de celebrar a vida. Nesse sentido, uma das maneiras didáticas que sugerimos para se trabalhar com as estéticas africanas é àquela proposta por Malomalo (2016), e que se deve adaptar em cada novo contexto. A didática deve passar por dois momentos que consideramos importantes: (1) Da poética e da didática da macumba: saborear para aprender juntos e (2) Encruzilhada da cultura negro-africana: cruzo de saberes da academia e não acadêmico.

A poética e didática da macumba incentivam a apreciar e compreender as obras de arte, especialmente as da cultura negra, ouvindo e saboreando seus elementos próprios, como o som do tambor, a melodia, o movimento, as rimas ou a leitura de um conto. Essa abordagem convida a envolver-se no movimento e na dança, permitindo que o corpo vibre e se conecte consigo mesmo e com os outros, para experimentar a beleza do coletivo e do belo.

A encruzilhada da cultura negra é um espaço de diálogo entre saberes acadêmicos e não acadêmicos, cujo objetivo é formar cidadãos críticos e engajados na luta contra o racismo, sexismo e homofobia, defendendo os



direitos da natureza. As obras de arte utilizadas promovem reflexões e intervenções sociais por meio de discursos artístico-filosóficos. O projeto busca estabelecer diálogos interdisciplinares e interculturais com humildade e consciência das próprias limitações, visando humanizar a humanidade e despertar uma consciência cósmica que transcende a simples compreensão da condição humana.



Figura 1: Card do Batuque: Música, dança e Emancipação do dia 28/05/2025

A figura 1 nos lembra o encontro ocorrido no dia 28 de maio de 2025. Todos os encontros ocorreram no auditório do Campus dos Malês, com o apoio do bolsista Vasco Zama e voluntários Jaime Oscar e Venâncio Gomes, que facilitaram a comunicação e organizaram as atividades. Cada nacionalidade presente escolheu uma música tradicional e uma moderna para exibição e aprendizado dos passos de dança, além de explicar as letras e cenas dos vídeos relacionados, formando um processo de discotecagem afrodiaspórica. Participaram países como Angola, Brasil, Guiné Bissau, Moçambique, RD Congo e São Tomé e Príncipe, contribuindo com um repertório de 12 a 18 músicas. Também houve momentos de talent shows, como recitais de poemas e coreografias, tornando o “Batuque” um momento de alegria e celebração.



Figura 2: Estudantes quilombolas e africanos no curso Corpos afrikanos e quilombolas na encruzilhada da ancestralidade

Fonte: arquivo de Latitudes Africanas



No dia 05/04/2025, o coordenador do projeto mobilizou toda sua equipe para realizar o Diálogos Latitudes Africanas com tema “Corpos afrikanos e quilombolas na encruzilhada da ancestralidade: Batucar, sambar e encantar”. Trata-se de uma atividade que foi realizada no âmbito da disciplina Filosofia da Ancestralidade da Licenciatura Escolar Quilombola da UNILAB. Essa atividade foi muito especial pelo fato de usar da metodologia do “Batuque” para tratar de saberes africanos.



Figura 3: Estudantes quilombolas e africanos no curso Corpos afrikanos e quilombolas na encruzilhada da ancestralidade

Fonte: arquivo de Latitudes Africanas

A atividade contou com estudantes quilombolas da Ilha de Paty, Monte e Dom João, além de não quilombolas brasileiros e africanos de Angola, Guiné-Bissau, São Tomé, Moçambique e o coordenador de Latitudes Africanas, da República Democrática do Congo. O momento inicial foi de integração pedagógica, histórica e ancestral, quando o professor Bas´Ilele Malomalo pediu que cada participante se apresentasse, indicando nome, curso e origem ou nacionalidade.

Em seguida, veio o momento de trocas de energias corporais através de danças, músicas e poesias. Nesse sentido, o que Muniz Sodré nos ensina no seu livro “Pensar Nagô”, serve para compreender atividades de “Batuque” que acabamos de apresentar: “Em algumas línguas africanas (o kimeru, p. Ex. Falada numa região de Quênia), a palavra para dizer ‘música’ tem o mesmo sentido de canto e dança. Algo fortemente vital acontece na dança em sua originalidade. Primeiramente, a reatualização dos saberes do culto simultânea à inscrição do corpo do indivíduo num território, para que lhe realimenta a força cósmica, isto é, o poder de pertencimento a uma totalidade integrada. Além disso, graças à intensificação dos movimentos do dançarino na festa – todo um complexo que abrange ação, voz, gestos, cânticos e afetos –, espaço e tempo tornam-se um único valor (o da sacralização) e, assim, se tornam autônomos, passando a independender daquele que ocupa individualmente o espaço” (2017, p. 142).

CONCLUSÕES

As ações que foram apresentadas em torno de Batuque: Dança, Música e Emancipação envolvem vibrações, a movimentação do som, da fala, dos corpos dos participantes presente no Ayiê (mundo físico em yoruba) e



no Orum (mundo metafísico em yoruba). Todos seus processos podem ser descritos como a “liturgia corporal” (SODRÉ, 2017, p. 115) que visam o fortalecimento de identidade coletiva negra na UNILAB no Campus dos Malês.

O tratamento teórico-metodológico e didático que temos dado ao “Batuque” é que se trata de um espaço artístico negro-africano. Falando da questão litúrgica da arte negra, Mveng destaca a unificação entre a dimensão antropológica e cósmica:

“A dimensão litúrgica da Arte negra inaugura a celebração da vitória da Vida sobre a Morte pela unificação do destino do homem e o destino do mundo. Eis a razão pela qual a arte negra não é, como a Arte ocidental, um mimêma tou pantos, uma reprodução do universo. Ela é, ao contrário, uma recriação do universo. Nos ritos africanos, a escultura, a pintura, a arte decorativa, os ornamentos, a música, a dança, sopram nos elementos do cosmos a plenitude da alma humana, e os elementos do cosmos se tornam o corpo humano. Os ritos de iniciação realizam a perfeição dessa dimensão litúrgica da nossa arte. O homem encontra-se nele através de todos gestos da criatividade artística. Ele fala, recita, declama, improvisa, canta, escultura, desenha, decora, cria ornamentos, adornos, vestimentas; aprende a construir a sua morada, e celebra todo isso através de uma longa paixão onde todos seus aliados, na natureza, juntam-se a ele para dar o supremo golpe à Morte”. (MVENG, 1973, p. 10-11, grifo do autor; tradução nossa).

Dessa maneira é que compreendemos o papel que desempenha o “Batuque” em nossas vidas enquanto estudantes e servidores da UNILAB. É um espaço de emancipação social, ancestral e cósmica.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à UNILAB/PROEX pela bolsa de Pibeac concedida para a realização desse projeto.

REFERÊNCIAS

- BÂ, Amadou Ampatê. Tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2 ed. Revisada. Brasília: UNESCO, 2010, p. 224-226.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- MALOMALO, Bas´Ilele. Macumba, macumbização e desmacumbização. In: SILVEIRA, Ronie Alexsandro Teles da; LOPES, Marcos Carvalho (Orgs.) A religiosidade brasileira e a filosofia. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016, p. 132-160.
- _____. Filosofia do Ubuntu: Valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento. Curitiba: CRV, 2014.
- MVENG, E. L´art d´Afrique noire: liturgie cosmique et langage religieux. Yaoundé: Clé, 1974.
- SANTOS, Inacyra Falcao dos. Corpo e ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação. 2 ed. Teceira Margem, 2006.
- SANTOS, Ana Katia Alves dos; BATISTA, Hildonice de Souza. A música na educação básica: material de apoio à implementação da lei 11.769/08. UFBA: Salvador, 2011.
- SODRÉ, Muniz. Pensar nagô. Petrópolis: Vozes, 2017.
- TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.